

EUA debatem cota ao FMI

Washington — A tentativa do Presidente Ronald Reagan de conseguir a aprovação do Congresso para um aumento de 8 bilhões 400 milhões de dólares na contribuição (cotas) americana ao Fundo Monetário Internacional está enfrentando novos problemas. Os democratas exigem que o Presidente se desculpe de acusações feitas contra eles por um grupo republicano no Congresso. Foram acusados de apoiarem o comunismo.

O aumento dos recursos ao FMI foi aprovado quinta-feira, na Câmara, por uma estreita margem de seis votos, mas com uma emenda determinando que o delegado americano no FMI não aprove a concessão de fundos a países comunistas. Os deputados democratas se opõem à emenda. E condicionam seu apoio a uma carta de desculpa por parte do Governo. O Secretário do Tesouro, Ronald Regan, disse que o FMI não deve ser politizado.

O aumento de recursos ao FMI causou

controvérsias no Congresso, com os críticos alegando que o dinheiro poderia ser usado para ajudar países comunistas enquanto eles reforçam seu poderio militar.

“Não sei se ele (o Brasil) conseguirá prosseguir sem nós”, disse à agência Reuters uma fonte do Federal Reserve (banco central norte-americano), ao confirmar que os Estados Unidos e outros países ocidentais “quase certamente” terão que conceder novos créditos-ponte até o fim do ano, para que o Brasil possa fechar seu balanço de pagamentos.

A fonte não precisou o volume desses recursos, mas a Reuters citou um relatório em que o Departamento do Tesouro estima em 1,3 bilhão de dólares as necessidades para fechamento do balanço de pagamentos, no final do ano. Há dias, outras fontes do Governo norte-americano haviam dito, em Washington, que os novos créditos-ponte ao Brasil totalizariam de 2 a 3 bilhões de dólares.